

Revista de Literatura,  
História e Memória



Dossiê: Feminismos e literaturas

ISSN 1983-1498

VOL. 17 - Nº 30 - 2021

UNIOESTE/CASCAVEL - p. 196-210

**EU E A PILHA DE MULHERES MORTAS:  
RESSIGNIFICAÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS  
EM *MULHERES EMPILHADAS*, DE PATRÍCIA MELO**

**The pile of dead women and I: resignification of female  
identities in *Mulheres empilhadas*, by Patrícia Melo**

Paula Grinko Pezzini<sup>1</sup>  
Lourdes Kaminski Alves<sup>2</sup>

**RESUMO:** No contexto de uma América Latina pós-moderna, representações artísticas produzidas por mulheres buscam romper com discursos sacralizados pela tradição do cânone ocidental, principalmente em relação às identidades femininas. Em *Mulheres empilhadas* (2019), Patrícia Melo mobiliza categorias como “mulher” e “violência” para pensar na sociedade brasileira como

partícipe de um sistema moderno colonial de gênero. Nesse sentido, pretendemos explicitar e analisar as estratégias narrativas utilizadas pela autora, com destaque à diversidade de formas discursivas e ao posicionamento da protagonista, em direção à expansão das potencialidades da literatura de autoria feminina. Partimos de teorias feministas de cunho decolonial; portanto, autoras como Zilá Bernd (1998), Tânia Pellegrini (2001), Zulma Palermo (2005), María Lugones (2014) e Florencia Garramuño (2014) fundamentam as discussões propostas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estratégias de narrativa; Literatura brasileira contemporânea; Literatura de autoria feminina; Pós-modernidade; Violência contra a mulher.

**ABSTRACT:** In the context of a post-modern Latin America, artistic representations produced by women seek to disrupt discourses sacralized by the tradition of the Western canon, especially regarding female identities. In *Mulheres empilhadas* (2019), Patrícia Melo mobilizes categories such as “woman” and “violence” to think of Brazilian society as participating in a modern/colonial system of gender. From this perspective, we intend to elucidate and analyze the narrative strategies used by the authoress, highlighting the diversity of discursive forms and the protagonist's position, towards the expansion of the potential of women-authored literature. We rely on feminist theories of decolonial nature; therefore, authoresses such as Zilá Bernd (1998), Tânia Pellegrini (2001), Zulma Palermo (2005), María Lugones (2014) and Florencia Garramuño (2014) support the proposed discussions.

**KEYWORDS:** Narrative strategies; Contemporary Brazilian literature; Women-authored literature; Post-modernity; Violence against women.

## INTRODUÇÃO

No contexto da América Latina, pensar em campos epistemológicos como “feminismo” e “literatura” e as múltiplas articulações oportunizadas por esse diálogo

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), com área de concentração em Linguagem e Sociedade e linha de pesquisa em Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados. E-mail: [paulagezzini@hotmail.com](mailto:paulagezzini@hotmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4661143047568034>

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora efetiva da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESE). E-mail: [lourdes.kaminski@gmail.com](mailto:lourdes.kaminski@gmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2502060350876295>

significa, antes de tudo, admitir – inclusive para nós mesmas – que o imaginário coletivo, aliado às relações concretas de poder, ainda está em processo de decolonialidade, principalmente no que se refere à produção de conhecimento. Entendemos que um dos caminhos fundamentais destinados à emancipação dos projetos estéticos latino-americanos é a desconstrução de termos cristalizados, em oposição à lógica categorial, como denomina María Lugones (2014), do sistema moderno colonial de gênero.

Nesse sentido, miramos à ressemantização de “feminismo” para “feminismos” e “literatura” para “literaturas”, a fim de compreender as possibilidades plurais das expressões artísticas e culturais de um ponto de vista que deixa de ser universalizante e passa a ser interseccional, intercultural, plurívoco: decolonial. Como se vê, o objetivo deste artigo não é a proposição de novas categorias que resumam os propósitos atuais da crítica literária latino-americana; pelo contrário, dada a devida importância, reconhecemos que essa talvez seja uma das tarefas mais laboriosas de pensadoras e pensadores que se dedicam ao reconhecimento das diversas perspectivas da contemporaneidade.

É necessário, no entanto, que reconheçamos pontualmente a interação dos movimentos feministas com as investigações artísticas a partir, por exemplo, da emergência da crítica feminista – que, aliada aos estudos comparados, mobiliza e tensiona categorias como “gênero” e “mulher”, presentes em textos literários de variadas materialidades; e do Feminismo De(s)colonial, que pensa as distintas vivências das mulheres como oprimidas e, sobretudo, resistentes. Transversal e paralelamente aos debates acadêmicos, vemos a divulgação de obras escritas por mulheres latino-americanas que, desde há muito, buscam romper com os discursos sacralizados pela tradição do cânone ocidental. Gioconda Belli (Nicarágua), Laura Restrepo (Colômbia), Lina Meruane (Chile), Teresa Cárdenas (Cuba) e Selva Almada (Argentina) são algumas das autoras que tematizam as posições coloniais resguardadas às mulheres especificamente dos séculos XX e XXI.

No Brasil, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Socorro Acioli, Tatiana Salem Levy, Clara Averbuck, Jarid Arraes e Patrícia Melo representam alguns dos nomes que têm questionado, a partir da ficção, as temáticas femininas<sup>3</sup> por meio do protagonismo de mulheres e estratégias narrativas como a escrita de si, a metaficção e experimentalismos formais. Em seu mais recente romance, *Mulheres empilhadas* (2019), Patrícia Melo nos apresenta a história de uma protagonista simbolicamente sem nome que, ao assimilar a sua

---

<sup>3</sup> A utilização do termo “feminino” e suas variáveis não tem a intenção de reduzir as subjetividades de mulheres com vivências e contextos diferentes; pelo contrário: compreendemos a escolha como uma tentativa de coletivização e nos colocamos consciente e criticamente em relação a essas categorias.

própria vivência feminina como violenta, absorve as dores de outras mulheres e com elas compartilha uma jornada de libertação emocional. Defendemos que escritas como a dessa obra, ao colocarem em xeque a estrutura tradicional da literatura Norte global<sup>4</sup>, tipicamente masculinizante e masculinizada, tornam-se representantes de um projeto estético direcionado à descolonização e à decolonialidade da América Latina.

É na direção de explicitar e amplificar as potencialidades da literatura de autoria feminina que, neste artigo, pretendemos investigar *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, considerando as teorias feministas de cunho decolonial e o reconhecimento da produção dessa obra como partícipe dos projetos estéticos da América Latina. Autoras como Zilá Bernd (1998), Tânia Pellegrini (2001), Zulma Palermo (2005), María Lugones (2014) e Florencia Garramuño (2014) fundamentam as discussões propostas. Desse modo, partimos de reflexões sobre a pós-modernidade e sobre a escrita de mulheres como um campo em expansão na literatura brasileira.

## RESISTÊNCIA À LÓGICA CATEGORIAL

Advogada paulistana em início de carreira, a protagonista do romance viaja a trabalho ao estado do Acre. Lá, ela acompanha um mutirão de julgamentos de casos de feminicídio. Logo na primeira semana de estada, envolve-se com o processo jurídico do assassinato de Txupira, adolescente indígena que foi estuprada, torturada e morta por jovens representantes da sociedade acreana tradicional. Eis aqui as veredas diegéticas de *Mulheres empilhadas* (2019), obra que, neste artigo, argumentamos como sendo elucidativa da ascensão da escrita de mulheres na literatura brasileira contemporânea.

A ótica masculina domina as representações artísticas, consequência direta da estruturação de uma sociedade patriarcal cuja “lógica categorial”, dicotômica e hierárquica, “é central para o pensamento capitalista e colonial moderno sobre raça, gênero e sexualidade” (LUGONES, 2014, p. 935). Esse aparato cultural e político divide atividades, espaços sociais, momentos e instrumentos atribuídos a cada um dos gêneros; sendo a esfera pública reservada aos homens, enquanto a privada é reservada às mulheres. Não podemos esquecer de enfatizar, no entanto, que o espaço privado também é político. A partir disso, e considerando que “a palavra, fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente

---

<sup>4</sup> Seguindo o posicionamento de Catherine Walsh (2009), optamos pela expressão “literatura Norte global” ao compreender o Norte global como o novo modelo de dominação cultural pós-moderno, que abarca a lógica do capitalismo multinacional e das heranças colonialistas nos sistemas de poder. Nesse sentido, pensamos no termo “literatura eurocêntrica” como, em parte, insuficiente, pois a dominação ideológica aqui colocada inclui países como os Estados Unidos.

todas as mudanças e alterações sociais” (BAKHTIN, 2006, p. 199), reiteramos que a literatura simboliza verbalmente tanto o coletivo quanto o individual.

Se as representações tradicionais das mulheres as reduziram a dualismos tais quais: virgem *versus* prostituta, santa *versus* maldita, musa *versus* vil, as narrativas de autoria feminina exibem uma grande possibilidade de questionamento do controle previamente outorgado às figuras masculinas. Por meio das vias ficcionais, a produção literária de Patrícia Melo constitui um exemplo de enfrentamento aos entraves da literatura hegemônica e desumanizadora. Em *Mulheres empilhadas*, vemos a construção identitária de uma narradora-protagonista que presencia diretamente a violência contra as mulheres em, no mínimo, três proporções: a sua própria experiência, materializada inicialmente em um tapa no rosto que leva de seu namorado Amir; o assassinato de sua mãe, morta pelo próprio pai; e todos os casos de feminicídio que acompanha ao longo da obra.

Também são três as seções diegéticas do livro: constituído por uma estrutura tripartida, lemos em *Mulheres empilhadas* uma dimensão<sup>5</sup> de escrita jornalística e duas dimensões de escrita ficcional, em capítulos que se alternam e são identificáveis, respectivamente, pelas sequências numeral e alfabética. O discurso jornalístico é composto por pequenas notas não-ficcionais que se assemelham a manchetes e comunicados de noticiários – baseadas em notícias reais, as passagens descrevem casos de matanças de mulheres com uma linguagem pujante e despida de eufemismos:

Quadro 1 – Elaine Figueiredo Lacerda

Portal de notícias	<i>Mulheres empilhadas</i>
<p><b>Mulher é assassinada a tiros pelo ex-marido em Montes Claros</b></p> <p>Vítima foi atingida por cinco tiros em frente a casa dela, no Bairro Jardim Panorama; ex-marido foi preso na madrugada desta segunda-feira (17) em São João da Lagoa.</p> <p>Por G1 Grande Minas, com informações da Inter TV 17/09/2018 07h08 - Atualizado há 2 anos</p>	<p>Morta pelo marido</p> <p>Elaine Figueiredo Lacerda sessenta e um anos, foi abatida a tiros na porta de sua casa, num final de tarde de domingo.</p>

Fontes: G1 Grande Minas (2018, on-line) e Melo (2019, p. 09).

Lado a lado, percebemos a escolha discursiva da autora, que inicia a notícia com o nome completo da vítima. Ao invés de categorizar Elaine e reduzi-la às estatísticas, Patrícia Melo desafia a linguagem jornalística e faz as devidas designações – nome, idade, local do crime –, o que, no mínimo, conecta uma pessoa de verdade à fatalidade do homicídio

<sup>5</sup> A escolha do termo “dimensão” se dá porque acreditamos na horizontalização dessas camadas diegéticas, que funcionam dinamicamente entre si e não sob o sistema de uma hierarquia vertical.

cometido. Estamos diante de uma perspectiva de literatura essencialmente humanizadora, que enfrenta a realidade taciturna de um país cujas raízes colonialistas, patriarcais, violentas resultam em “*ao menos* oito casos de feminicídio por dia entre março de 2016 e março de 2017, segundo dados dos Ministérios Públicos estaduais” (SABINO, 2018, p. 15, grifo nosso).

A essa altura, vale pensarmos um pouco mais sobre a decisão, à primeira vista paradoxal, da escritora de manter sem nome a protagonista. Em um movimento duplo, essa indistinção pessoal da voz narrativa e a presença abundante de nomes de outras mulheres segue o que Florencia Garramuño compreende como uma das apostas do inespecífico da estética contemporânea:

No abandono da identidade ou na excepcionalidade de um único personagem protagonista, o relato já não se propõe como a narração de uma vida excepcional ou típica de um representante de determinada comunidade, mas pinta um retrato coral de uma sociedade perpassada por conflitos e diferenças sociais (GARRAMUÑO, 2014, p. 19).

Ao tematizar, portanto, esses conflitos do sistema moderno colonial de gênero, Patrícia Melo complexifica múltiplos espaços físicos em espaços ficcionais. Por um lado, a protagonista, de São Paulo, viaja à cidade de Cruzeiro do Sul, no interior do Acre, e se relaciona com mulheres das aldeias indígenas que habitam a região; por outro lado, as figuras femininas representadas nas notícias da dimensão jornalística são de vários locais do Brasil. Inclusive, é exatamente nesses entrecruzamentos fronteiriços que é ficcionalizada a sensação, demasiadamente pós-moderna, de não-pertencimento.

A continuidade entre ficção e realidade, permitida principalmente por meio da dimensão jornalística, aponta para essa noção de uma literatura problematizadora das identidades e da (des)construção do sujeito. Assim sendo, e com a ressalva de que essas duas instâncias não são indistintas, “são os textos que, ao se instalarem na tensão de uma indefinição entre realidade e ficção, perfazem uma sorte de intercâmbio entre as potências de uma e outra ordem, fazendo com que o texto apareça como a sombra de uma realidade que não consegue iluminar-se por si mesma” (GARRAMUÑO, 2014, p. 22).

Em *Mulheres empilhadas*, vemos a violência como o ponto de convergência entre as diferentes subjetividades femininas:

Quadro 2 – Rayane Barros de Castro

Portal de notícias	<i>Mulheres empilhadas</i>
<p><b>Adolescente é morta a tiros por ex-namorado que não aceitava o fim do relacionamento na Zona Norte do Rio</b></p> <p>Rayane Castro de 16 anos tinha terminado o namoro com um rapaz de mesma idade, que é traficante de drogas. Ele já tinha feito ameaças à vítima.</p> <p>Por RJ1 16/11/2018 11h17 - Atualizado há 2 anos</p>	<p>Morta pelo ex-namorado</p> <p>Rayane Barros de Castro, dezesseis anos, morreu assassinada a tiros. Antes de matá-la, o assassino enviou uma mensagem pelo WhatsApp: “Vou viver a minha vida, mas você não vai viver a sua.”</p>

Fontes: RJ1 (2018, on-line) e Melo (2019, p. 18).

Antes Elaine, de sessenta e um anos; agora Rayane, com apenas dezesseis: ambas vítimas de feminicídio. Nesse segundo caso, percebemos uma camada adicional ao relato, que explicita a crueldade do assassino ao declarar, sem rodeios, que aniquilaria a vida de Rayane.

Vale a pena ressaltar que a autora não se prende às exigências da escrita jornalística, por mais que essa dimensão do texto evidentemente se aproxime dela. Além dos dez casos expostos de maneira sucinta, as duas últimas notícias registradas são narradas estilisticamente como crônicas, a notar pelo próprio título: “Da simples arte de matar uma mulher 1” e “Da simples arte de matar uma mulher 2”.

#### POR UMA OUTRA FORMA DE NARRAR

Como se vê, a diversidade de formas discursivas em *Mulheres empilhadas* atinge o que Zilá Bernd (1998) compreende como o terceiro nível de hibridação:

Nesse nível, os textos tornam-se lugar de *mescla de diferentes gêneros*: ficção metadiscursiva, ensaio, autobiografia, entrevista, romance histórico, formas teatrais; ou *de diferentes códigos semióticos* como palavra, desenho, xilogravura, técnica de história em quadrinhos e até música [...]. Verifica-se aqui um apagamento da noção de fronteiras entre os gêneros, um entrelaçamento de diferentes sistemas de significação, bem como uma total despreocupação com as tradicionais categorias de alto médio e baixo que costumavam reger as manifestações culturais (BERND, 1998, p. 265).

Além de se despreocuparem com as categorias tradicionais da ordem literária, artistas latino-americanas contemporâneas subvertem as famigeradas regras narrativas e as transformam em motivações próprias capazes de, inclusive, criar novos tipos de literatura. Isso porque a dissolução de pares dicotômicos como público *versus* privado e político *versus*

poético se torna uma prática constante quando localizada no contexto da pós-modernidade.

Essa nova espécie de sociedade, conforme Jameson (1985), pode ser periodizada entre o final dos anos 1940 e o começo dos 1950. A organização do espaço urbano se firmava decididamente às bases da nova ordem de um capitalismo tardio e, com ele, metamorfoseava-se inclusive a psique humana, constituindo sujeitos afetados por uma sensibilidade transformada pelos cotidianos da vida moderna. Assim, as expressões artísticas também absorveram a contemporaneidade efêmera. Observamos o pós-moderno como um estilo eclético e híbrido, do qual:

[...] emerge uma nova subjetividade, centrada na gradativa perda do senso de história, de esperança de futuro ou de memória do passado, dispersa numa sensação de “eterno presente”, que deriva para a “diminuição do afeto” e a falta de profundidade. Daí, também, a “morte do sujeito”, ou seja, o fim do individualismo organicamente vinculado à concepção de um eu único e de uma identidade privada [...] Isso não existe mais, numa cultura dominada por simulacros (PELLEGRINI, 2001, p. 57).

E, se a psique humana também está no rol de aspectos fragmentários, podemos pensar que esse tipo diferente de mudança estrutural transforma as sociedades modernas como um todo, especialmente no final do século XX. Segundo Stuart Hall,

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia [sic] que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2006, p. 9).

O narrador pós-moderno, quando vinculado geográfica e emocionalmente à América Latina, encontra na ficção a emancipação de sua voz até então reprimida – devido ao passado (e ao presente) colonialista da formação do continente geopolítico. Nesse contexto, a questão identitária assume complexificações diversas, e o sujeito deve ser percebido e estudado a partir de sua inserção e intersecção em desdobramentos ideológicos.

No âmbito da literatura brasileira, o embate de valores e antivalores é sobretudo observável a partir das acentuadas transformações econômicas que se efetivaram durante os anos 1970. Há, principalmente após o término do Regime Militar (1964-1985), a consolidação de uma ficção que assume funções políticas, à medida que procura desconstruir noções

conservadoras. Porém, “não se trata mais de ‘resistir à ditadura militar’, mas de resistir a uma hierarquia ancestral em que predomina o discurso branco, masculino e cristão. São, portanto, novos sujeitos que se expressam” (PELLEGRINI, 2001, p. 60). É sob essa orientação que a literatura de autoria feminina encontra terreno profícuo para ser cultivada.

Autora de uma profusa produção de obras nas quais a temática da violência urbana fundamenta a construção das personagens e de suas relações, Patrícia Melo exercita em *Mulheres empilhadas* uma escrita plurívoca que mescla distintos espaços jurídicos – o escritório de advocacia no qual a protagonista trabalha, fóruns, tribunais e o léxico proveniente do Direito – com as vivências das aldeias indígenas fictícias Kuratawa e Ch’aska e com a cidade de Cruzeiro do Sul, no interior do estado do Acre, para onde a protagonista paulistana viaja. A multiplicidade de territórios edifica uma diegese complexa que enfatiza a questão identitária como um processo de construção e desconstrução, e que “estaria subvertendo os paradigmas homogêneos da modernidade, inserindo-se na movência da pós-modernidade e associando-se ao múltiplo e ao heterogêneo” (BERND, 1998, p. 17).

A primeira dimensão ficcional é intitulada a partir das letras do alfabeto latino; e pode ser percebida como a seção que propulsiona os outros dois fios da narrativa, além de conectá-los entre si. É o ambiente predominante, no qual os acontecimentos narrativos são descritos de maneira relativamente cronológica pela narradora. A essa altura, vale enfatizar a criticidade de Patrícia Melo na elaboração das personagens femininas, ao construí-las a partir de recortes de raça, gênero, sexualidade e classe. Durante a viagem de São Paulo a Cruzeiro do Sul, a protagonista estuda processos do sistema judiciário acreano e pensa sobre os casos abertos em seu computador, com vários nomes das mulheres assassinadas. Ao rememorar a morte de sua mãe, ela reflete:

É bobagem pensar que o assassino deveria se preocupar com autópsias. O sistema é feito para não funcionar. Lá na ponta, quem investiga olha a vítima com desprezo, é só uma mulher, pensa. Uma preta. Uma puta. Uma coisa. Se for possível, ele nem atende a chamada quando o telefone toca no covil onde trabalha. Chuta a ocorrência para o próximo plantonista. *Com minha mãe não puderam fazer isso por uma razão muito simples. Ela era branca. E não era pobre* (MELO, 2019, p. 19, grifo nosso).

Aqui, vemos o posicionamento consciente de uma narradora-autora que desloca o imaginário coletivo racista, misógino e classista resultante da lógica categorial moderna, que edifica uma sociedade dicotômica. De acordo com Lugones,



A relação entre pureza categorial e dicotomias hierárquicas funciona assim: cada categoria homogênea, separável, atomizada caracteriza-se em referência ao membro superior da dicotomia. Assim, “mulheres” refere-se a mulheres brancas. “Negro” refere-se a homens negros. Quando se tenta entender as mulheres na intersecção entre raça, classe e gênero, mulheres não brancas, negras, *mestizas*, indígenas ou asiáticas são seres impossíveis. São impossíveis porque não são nem mulheres burguesas europeias, nem machos indígenas (LUGONES, 2014, p. 942).

É em rumo à interseccionalidade que caminha o Feminismo De(s)colonial: em direção à exposição declarada das falhas das instituições de poder em integrar a opressão contra mulheres outras senão burguesas europeias – e brancas, no contexto latino-americano. Dessa forma, ao pensar sobre a morte de Txupira, caso da adolescente de quatorze anos assassinada, cujo julgamento acompanha até o final, e sobre a repercussão na imprensa, a protagonista diz:

Txupira não era branca, não se encaixava na categoria de vítima que a imprensa gosta de explorar. Era indígena ainda por cima. E indígena, no nosso sistema de castas, cujo topo é dominado por ricos e brancos, fica abaixo de preto, que está abaixo de pobre, que está abaixo de mulher. A vida dos indígenas, no nosso sistema de castas, tem o mesmo valor que a vida dos loucos em hospícios ou das crianças que ficam paradas em semáforos pedindo esmola. Estamos cagando para os nossos índios. O que a imprensa gosta, de verdade, é de assassinos (MELO, 2019, p. 76).

Em um outro momento, a protagonista conversa com Carla, a promotora do caso de Txupira, personagem com quem desenvolve uma amizade. A narradora conta para Carla que, há alguns dias, havia discutido com um dos homens da aldeia Kuratawa depois de ver e questioná-lo sobre os hematomas no corpo de Naia, uma adolescente de quinze anos que assumia posição de esposa:

– O que é isso? – perguntei. Ela não me respondeu. Mas o fato de apenas os homens falarem português naquela aldeia mostrava claramente onde estava o poder entre os Kuratawa. Ali mesmo me ocorreu que não havia denúncia de mulheres indígenas contra seus maridos nos casos que eu acompanhara no Acre. Elas não reportam? Não denunciam? (MELO, 2019, p. 142).

Em seguida, quando declara para Carla que ameaçou o homem caso batesse em Naia novamente, a amiga se exalta e afirma:

– [...] Mas você agiu como se estivesse em Cruzeiro do Sul. Ou São Paulo. Você não sabe nada sobre os indígenas.  
– O que você acha que eu deveria ter feito? Ficado quieta?  
– O que posso dizer com segurança é que *a lei Maria da Penha não resolve*

*nada ali. Ela serve para mulher branca. Da cidade. Para proteger Naia, temos que falar de demarcação de territórios indígenas. Quanto mais vulnerável uma comunidade, quanto mais desestruturada, mais a mulher indígena sofre esse tipo de violência, que é, na verdade, um efeito colateral da forma como os indígenas são tratados no Brasil (MELO, 2019, p. 156, grifo nosso).*

O sistema patriarcal não oprime as mulheres de maneira linear; é um mecanismo de opressão multifacetado, que, de certa forma, parece atingir exatamente os pontos de entrecruzamento das subjetividades femininas. Nesse sentido, o que observamos em *Mulheres empilhadas* é que aprofundar literariamente o debate e o enfrentamento da problemática da violência contra a mulher, principalmente a partir da perspectiva feminista, constrói “uma espécie de painel em que se descortinam representações de identidades femininas deslocadas em relação àquelas construídas no imaginário da ideologia patriarcal” (ZOLIN, 2011, p. 54).

## JORNADA IDENTITÁRIA

Letras do alfabeto grego distinguem a segunda dimensão ficcional do romance de Patrícia Melo, que está diagramada de maneira distinta em relação à primeira seção. A fonte em negrito e o alinhamento não-justificado do texto, além do fato de não estar centralizado na página – estando um pouco deslocado à direita –, caracterizam visual e simbolicamente um discurso menos estruturado. A ausência de sistematização formal pode sugerir uma aproximação estética (e simbólica) a folhas de rascunho, repletas de anotações: pensamentos verbalizados e lapsos temporais que manifestam relatos oníricos da protagonista.

Podemos pensar nessa dimensão do texto como o ápice da expressão literária das fronteiras que fundamentam a construção de *Mulheres empilhadas*. A partir do que define Zulma Palermo (2005), a noção de contextos fronteiraços pode ser compreendida como um espaço por onde circulam, concomitantemente, diversos tempos em um único tempo; diversos horizontes de experiências em uma única experiência que propulsiona as outras; e diversas formações culturais que são atravessadas pelo posicionamento ético que permite “*construir una epistemología otra, entendiendo por tal aquella que contribuya a la invención de una nueva forma de vivir, de hacer política, de desarticular la cada vez más profunda asimetría del sistema-mundo*”<sup>6</sup> (PALERMO, 2005, p. 250).

Essa dimensão onírica, organizada em sete seções, bombeia as possibilidades de

---

<sup>6</sup> Tradução nossa: construir uma epistemologia outra, entendendo como tal aquela que contribua para a invenção de uma nova forma de viver, de fazer política, de desarticular a cada vez mais profunda assimetria do sistema-mundo (PALERMO, 2005, p. 250).

protagonismo feminino e de reconstrução identitária da narradora. De  $\alpha$  (alfa) a  $\eta$  (eté), esse é o espaço narrativo em que se destacam as visitas da protagonista à mata e o contato dela com as mulheres indígenas dos povos que habitam a região, principalmente da aldeia Kuratawa. Além disso, há um resgate de tradições primitivas, como a do Santo Daime e o mito das icamiabas. Durante o ritual xamânico, e desde suas experiências com o ayahuasca, a personagem se reconecta com a sua própria natureza e com as suas memórias a partir da forte ligação que desenvolve com a terra e com a floresta. Essa conexão se efetiva por meio de sonhos nos quais a protagonista dialoga com suas antepassadas guerreiras; aqui, captamos a presença do mito indígena das icamiabas, as mulheres guerreiras da Amazônia, cuja força original se traduz, nesse contexto diegético, em sentimento de justiça e equidade perante a corrupção do julgamento que inocentou os assassinos de Txupira.

A descrição do crime contra a jovem indígena e a exibição das fotos de seu corpo mutilado por esses três homens que a mataram não fizeram com que as bases do sistema hierárquico fossem abaladas; isso porque, como explica um dos personagens à protagonista, “Esses playboys não são apenas três garotos ricos da cidade. Eles são bisnetos e tataranetos dos inventores do Acre, gente que veio para cá empurrada pela grande seca do Ceará, estou falando do fim do século dezenove, quando essa terra ainda pertencia à Bolívia e era chamada de terras desconhecidas” (MELO, 2019, p. 179). Como se nota, estamos diante da manutenção da estrutura colonial e patriarcal, que invisibiliza a violência contra mulheres indígenas e permite que feminicidas saiam pela porta da frente do tribunal.

Porém, ainda que deixadas ao relento, logo no primeiro capítulo dessa segunda dimensão ficcional, observamos a potência reabilitadora das icamiabas que, ao se juntarem, buscam ir de encontro à recuperação da memória ancestral e às possibilidades de justiça – mesmo que isso signifique usar as próprias mãos:

Nós, disse ela, nós, mulheres, icamiabas, mães, cafuzas, irmãs, amazonas, negras, Marias, lésbicas, filhas, indígenas, mulatas, netas, brancas, nós brotamos do chão, tremelicando de ódio, vingadoras, enchemos o meu Exucaveirão e avançamos sobre a cidade, carregando pirocas, caralhos de borracha, com poder de fogo, vamos atrás de você, homem mau, homem de bosta, explorador, abusador, estuprador, espancador de mulheres. Assassino. Psicótico. Nosso negócio é com você, matador de mãe. Hoste de demônios (MELO, 2019, p. 26).

Ao compreendermos a imagem dessas mulheres como simultaneamente partícipes de um coletivo com objetivos similares, porém detentoras de suas idiosincrasias, possibilitamos o reconhecimento do particular no universal. Nesse sentido, há a demarcação das

territorialidades específicas das figuras femininas de *Mulheres empilhadas*, à medida que elas mesmas se metamorfoseiam e constroem comunidades expandidas. A protagonista, ao compartilhar o espaço narrativo com as guerreiras indígenas, com a mãe de Txupira – e mesmo com Txupira, que reaparece e revive nos sonhos possibilitados pelos rituais –, com Carla, com sua avó e com a sua própria mãe, edifica um ato de resistência coletivo e constitutivo do sujeito.

Já no último capítulo dessa dimensão, a protagonista reconstitui mentalmente a cena do crime de seu pai contra a sua mãe. Ela relembra e visualiza o dia em que, ainda criança, despertou em sua cama, acordada pela voz de sua mãe pedindo para que o marido parasse. Ao caminhar até o corredor, a protagonista vê sua mãe, que tenta manter a calma e diz à filha que elas logo irão para casa. Interrompida pelos berros do marido, a mãe começa a gritar, chorar e soluçar de pavor. Quase que imediatamente, a protagonista, agora de volta a seu quarto depois das ordens de seu pai, também entra em desespero ao ouvir os pedidos de socorro:

entro embaixo do lençol, tremendo, chorando e sussurrando mamãe, bem baixinho, mamãe, mamãe, mamãe e, de repente, silêncio. Silêncio. Silêncio. Silêncio. E mais silêncio. Um mar de silêncio. Silêncio pontudo. Silêncio gelado. Silêncio perigoso. Quando finalmente tomo coragem e saio debaixo dos lençóis, deixo meu quarto e encontro meu pai de quatro, esfregando o pavimento da sala. Chap, chap, chap. O pano de limpeza, em sua mão, absorve o líquido vermelho que está espalhado pelo chão e é espremido dentro do balde, cuja água ganha um tom tão carmim quanto o esmalte que mamãe usava. “Você acordou, minha princesa? Vamos para o quarto que eu vou colocar você para dormir” (MELO, 2019, p. 206).

A repetição dos termos “mamãe” e “silêncio”, somados ao uso de adjetivos como “pontudo”, “gelado”, “perigoso”, constroem uma forte imagem dos sentimentos de aflição e angústia do momento em que a protagonista perde a sua mãe, assassinada pelo próprio pai. Ao despertar novamente, ela se vê na parte traseira de um veículo desconhecido e enxerga seu pai que, com a ajuda de um outro homem, retira do porta-malas o corpo da mãe; ela está envolta por um cobertor de sereia que pertence à protagonista, e “que agora tem na sua cauda uma grande mancha encarnada” (MELO, 2019, p. 206). Em seguida, os homens empurram o veículo até que ele caia em um despenhadeiro.

A rememoração desse dia é interrompida por lembranças da cena do velório; a avó e a personagem estão na igreja, perto do caixão com o corpo de sua mãe. Ela acorda novamente e, agora de volta à aldeia, encontra-se à beira de um abismo. Ao olhar para baixo, enxerga o carro acidentado onde sua mãe estava e, como em um impulso final, lança-se ribanceira abaixo:

Mas eis que, ao chegar ao vale, vejo que não há mais carro nenhum. No lugar do automóvel temos uma pilha de mulheres mortas. Algumas de saia, outras nuas, umas sem cabeça, outras sem sapatos, esta magra, aquela velha, esta ricamente vestida, aquela fatiada, esta de Roraima, aquela de Fortaleza, esta casada, aquela solteira, esta de São Paulo, aquela de Ubatuba, esta do Norte, aquela do Sul, esta professora, aquela doméstica, esta branquela, aquela negra, esta negra, aquela negra, esta negra, aquela negra, mais uma negra e outra negra, são muitas, de todas as idades, mais jovens do que velhas, mais pretas do que brancas, e bem no cume, como a cereja do bolo, está Carla. [...]

A pilha é imensa.

A pilha é monstruosa.

A pilha é ultrajante.

Já estou aos prantos

quando vejo

soterrada,

embaixo da montanha de mulheres

assassinadas,

a

minha

mãe

(MELO, 2019, p. 207-209).

A protagonista se aproxima da pilha de mulheres mortas, que são nomeadas uma a uma pela protagonista e, em um gesto súbito, puxa a sua mãe: “Ao fazer isso, contrario alguma lógica, rompo algum equilíbrio ou mais provavelmente quebro algum feitiço: e todas aquelas mulheres saem voando como um bando de sabiás-de-óculos” (MELO, 2019, p. 210). Esse momento, extremamente simbólico, transforma os cadáveres das mulheres em espécies diversas de pássaros, que voam alto e cruzam os céus, em direção à soltura, ao livramento, à emancipação.

Anteriormente a esse último capítulo da segunda dimensão ficcional, lemos também a última nota jornalística. Como se dessem lugar para que a primeira narrativa tome conta, as dimensões cessam quase em um movimento de palco, o que pode indicar a evolução e consequente libertação dessas enigmáticas camadas que permitiram à protagonista o (re)conhecimento de si e do mundo. No entanto, estendemos à leitura de *Mulheres empilhadas* a reflexão de Garramuño, ao comentar sobre uma obra representante da estética contemporânea:

Mas talvez o que mais chame a atenção no texto não seja tanto a diversidade de formas discursivas, mas o modo como graças a essa diversidade encontram lugar no texto preocupações e problemas provenientes dos mais diversos “campos” e disciplinas: a antropologia, a política, a literatura [...], o que faz do romance muito mais do que um espaço de preocupações literárias, ficcionais ou de construção artística (GARRAMUÑO, 2014, p. 38).

Sem desconhecer as fronteiras das subjetividades femininas, Patrícia Melo faz delas ao mesmo tempo o problema e o material a ser elaborado e discutido. Assim, essa compreensão de – e envolvimento entre – contextos fronteiriços “pode abrigar um resto de amparo para imaginar coletividades ou comunidades que são anteriores e se contrapõem às autorizadas pelo nacionalismo ou pelo capitalismo” (GARRAMUÑO, 2014, p. 44); e, aqui, acrescentamos: às autorizadas pelo colonialismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção e a leitura de *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, constituem um movimento de resistência ao discurso colonialista em relação à ideologia de gênero. Ao pensar em questões como a demarcação de terras indígenas, o entrecruzamento de subjetividades femininas e as territorialidades fronteiriças, aspectos demarcados coletivamente pela violência contra a mulher, a autora reescreve a história das mulheres por meio de uma perspectiva de quem a vive. À medida que ficcionaliza, por meio da literatura, valores universais como memória, justiça, violência e morte – e os discutem a partir de um ponto de vista consciente de questões sociais e direitos humanos –, Patrícia Melo edifica uma importante problematização dos lugares impostos às mulheres pela sociedade.

É com base em pensamentos como os do Feminismo De(s)colonial e da crítica literária feminista que é possibilitada uma investigação de textos literários dedicada a marcar as diferenças hierarquizadas de gênero. Nesse sentido, presenciamos a ressignificação dos papéis atribuídos às figuras femininas de *Mulheres empilhadas*: porque, aqui, ressignificar expressa o reconhecimento do feminicídio como resultante do sistema moderno colonial de gênero; e, ao mesmo tempo, o resgate da literatura como um espaço que permite a múltiplas vozes a catártica possibilidade da expressão.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERND, Zilá. **Escrituras híbridas**: estudos em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Sul, 1998.

G1 Grande Minas. Mulher é assassinada a tiros pelo ex-marido em Montes Claros. **G1** –

**Portal de notícias da Globo**, Minas Gerais, 17 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2018/09/17/mulher-e-assassinada-a-tiros-pelo-ex-marido-em-montes-claros.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2021.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fredric. Pós-modernidade e sociedade de consumo. Tradução de Vinicius Dantas. **Revista Novos estudos**, São Paulo, n. 12, p. 16-26, jun. 1985.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014.

MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Leya, 2019.

PALERMO, Zulma. **Desde la otra orilla**: pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina. Córdoba, Argentina: Alción, 2005.

PELLEGRINI, Tânia. Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência? **Revista Novos Rumos**, Marília, SP, ano 16, n. 35, p. 54-64, 2001. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2221>. Acesso em: 18 jun. 2021.

RJ1. Adolescente é morta a tiros por ex-namorado que não aceitava o fim do relacionamento na Zona Norte do Rio. **G1 – Portal de notícias da Globo**, Rio de Janeiro, 16 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/16/adolescente-e-morta-a-tiros-por-ex-namorado-que-nao-aceitava-o-fim-do-relacionamento-na-zona-norte-do-rio.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SABINO, Marcelo. **Feminicídio**: uma tragédia brasileira. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2018.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, estado, sociedad**: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito, Ecuador: Universidad Andina Simón Bolívar, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. A construção da personagem feminina na literatura brasileira contemporânea (re)escrita por mulheres. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, jul. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3923>. Acesso em: 14 jun. 2021.

*Recebido: 30/08/2021*

*Aceito: 25/01/2022*